

Crianças pedem direitos na Sé

25 MAI 1988

Denís, André, Reginaldo, Ana Cristina, Paulo, Maria... eram mais de mil crianças, vida de pobre retratada no rosto e nas roupas finas demais para enfrentar o frio e a chuva de ontem à tarde. Nas mãos, carregavam cartazes simples, em papel barato, escritos com tintas coloridas borradas pela água. Atravessaram do pátio do Colégio à praça da Sé, em passeata, gritando: "É safado e traidor quem não vota a meu favor".

Na praça, para se proteger da chuva, entraram na catedral. Vieram de bairros pobres e da periferia da cidade, acompanhadas das "tias" e "tios" da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, do Movimento Nacional dos Meninos de Rua e da Comissão Ecumênica do Menor (movimento que reúne integrantes das igrejas católica, metodista, presbiteriana independente e luterana).

Mas ficaram lá dentro por pouco tempo. Quando a aparelhagem de som do palanque montado em frente às escadarias da igreja ficou pronta, as crianças enfileiraram-se na porta da catedral, aos gritos de "o Brasil vai ser bem feito se eu tiver o meu direito". A irmã Maria do Rosário, da coordenação da Pastoral do Menor, disse que o objetivo da manifestação era mostrar que as crianças também têm consciência dos seus direitos.

Em várias capitais brasileiras, inclusive em Brasília, garantiu irmã Rosário, aconteceram simultaneamente manifestações como a da Sé, para pressionar a votação do capítulo VII da Assembleia Nacional Constituinte, que dispõe sobre a família, a criança, o adolescente e o idoso: "A criança tem direito à vida, à educação, à moradia, à convivência com a família e a Constituição tem obrigação de garantir tudo isso", disse irmã Rosário.

Ana Cristina, que carregava no peito um pequeno crachá de cartolina branca, recortado com tesoura dentada, com a inscrição Itápolis, contava a história de sua vida, muito parecida com centenas de outras. "Meu pai trabalha de entregar carne e minha mãe lava roupa em casa, para ajudar a sustentar eu e meus três irmãos." Por baixo de um agasalho fino, uma blusa velha de festa, uma saia curta e tênis surrado sem meia...

Seus amigos Denís e André, com um crachá parecido, não sabiam nem dizer onde fica Itápolis: "Acho que é perto do Jardim Independência, não sei bem onde é", falava o pequeno André, sete anos, mas aparentando quatro. No palanque, os oradores se revezavam, explicando às crianças o que iria acontecer em Brasília: "Vão votar o capítulo do menor e vocês precisam ter garantidos seus direitos. Criança tem de empinar pipa, rodar pião, jogar bolinha de gude, ter onde morar, estudar, comer..."

As crianças gostavam de ouvir palavras em sua defesa e eufóricas repetiam "criança quer pão, mais amor e não confusão". A menina Joslane, moradora do acampamento da Eletropaulo, na Zona Leste, foi chamada para subir ao palanque. "O governo mandou a gente pra lá porque não tínhamos onde morar", explicava às outras crianças que ouviam atentamente. "Minha mãe mandou eu explicar para vocês que onde eu moro tem mais 147 crianças sem ter onde morar. No meu barraco, quando chove, cai água lá dentro e outro dia minha mãe escorregou, quebrou a perna e foi para o pronto-socorro", contou Joslane aos amiguinhos.

Depois de aplaudir Joslane, elas cantaram músicas da Pastoral do Menor, acompanhadas por um violão. Na testa, tinham bandinhas com a inscrição "Criança, prioridade nacional". As 16 horas em ponto, a manifestação terminou e elas voltaram para casa, de ônibus, comendo lanches e bolachas distribuídos pelas "tias".

